



# A PARTILHA DOS SEXOS E O EFEITO DE EMPUXO-À-MULHER: CONTRIBUIÇÕES DA PSICANÁLISE À CLÍNICA DA PSICOSE

GENDER SHARING AND THE PUSHING EFFECT ON WOMEN:  
PSYCHOANALYSIS CONTRIBUTIONS TO THE PSYCHOSIS CLINIC

Douglas Felipe Murta Marques<sup>1</sup>  
Felipe Sette Martino Braga<sup>2</sup>

---

**RESUMO:** O presente artigo trata-se de uma revisão teórica bibliográfica da primeira clínica estrutural lacanian-a acerca das psicoses, compreendida a partir da noção de forclusão do Nome do Pai na análise caso Schreber. Este trabalho é resultado da experiência dos autores no estágio curricular na clínica da psicose, realizado durante o curso de graduação em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Neste estudo buscou-se descrever, a partir da teoria psicanalítica, o fenômeno do empuxo-à-mulher. Conceituado por Lacan em 1972, o empuxo-à-mulher se refere à questão da feminização na sexuação do sujeito psicótico. Nota-se que devido a forclusão do Nome-do-Pai, isto é, a falta do significante primordial, surgiria inicialmente a impossibilidade de o sujeito psicótico ingressar na partilha dos sexos do lado masculino ou feminino. Esse fenômeno do empuxo-à-mulher acaba por fazer ressoar no sujeito um gozo ilimitado, sem barra e envolto por uma convicção delirante em que o sujeito psicótico realmente sente como se estivesse transformando-se em uma mulher – sendo levado e forçado para o lado da feminização. Sabe-se que essas vivências trazem muitos sofrimentos e perturbações para os sujeitos e seus familiares. Dessa forma, a psicanálise continua apresentando uma importante contribuição no tratamento das psicoses e de seus efeitos na vida dos sujeitos, principalmente com fato do delírio passar a ter um significado, operando como um eixo possível para o tratamento. Assim, buscaremos destacar na teoria lacianiana o desencadeamento da psicose, os efeitos da forclusão do significante Nome-do-Pai exemplificadas nas fórmulas de sexuação, conceitos com os quais trabalham os psicanalistas no sentido de fornecer um tratamento possível para o gozo desregrado do empuxo-à-mulher na psicose e melhor conduzi-lo para um novo plano de significação e estabilização.

**PALAVRAS-CHAVE:** Psicanálise; Partilha dos Sexos; Empuxo-à-Mulher; Clínica da Psicose.

**ABSTRACT:** This article is a bibliographical theoretical review of the first Lacanian structural clinic about the psychosys, understood from the notion of foreclosure of the Name-of-the-Father in the Schreber case analysis. This work is a result of the interest of the graduates in Psychology by the theme of the psychoses, where it is tried to describe, from the psychoanalytic theory, the phenomenon of the *pousse-à-la-femme*. Conceptualized by Lacan in 1972, the *pousse-à-la-femme* refers to the question of feminization in the sexuation of the psychotic subject. It is noted that the foreclosure of the Name-of-father, that is to say, the lack of the primordial signifier that would not place the subject in the sharing of the sexes, resounds in an unlimited *jouissance*, without bar and surrounded by a "delirious conviction" in which the subject it really feels like you are turning into a woman - pushed to the side of feminization. However, it is known that these experiences bring many sufferings and disturbances to the subjects and their relatives. In this way, psychoanalysis continues to play an important role in the treatment of psychoses and their effects on the subject's life - delirium becomes meaningful - acting as a possible axis for treatment. Thus, in the Lacanian theory, attention will be drawn to the triggering of psychosis through the family complex, the forcing of the Name-of-father, and the sexuation formulas, concepts with which psychoanalysts work to direct the unruly enjoyment of the thrust to-woman and better to lead it to a new plane of signification and stabilization.

**KEYWORDS:** Psychoanalysis; Gender Sharing; Thrust-to-Woman; Psychosis Clinic.

---

<sup>1</sup> Psicólogo graduado pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, unidade São Gabriel e pós-graduando em Avaliação e Diagnóstico Psicológico pelo IEC – PUC MINAS. douglasmurtapsi@gmail.com

<sup>2</sup> Psicólogo graduado pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, unidade São Gabriel. felipesettemb@gmail.com

## 1 INTRODUÇÃO

O empuxo-à-mulher trata-se de um fenômeno presente nos quadros de psicose. Esse conceito parte do pressuposto de que há uma diferença fundamental entre o masculino e o feminino na partilha simbólica dos sexos. Pode-se considerar que do lado masculino dessa partilha haveria uma normatização do gozo pelo prisma da lei fálica, por sua vez, o gozo na feminilidade escaparia aos limites dessa função, estando além de uma possibilidade de regulação. Entretanto, na psicose essa definição escapa as distinções de masculino e feminino, o gozo não é regulado pela norma fálica por consequência da forclusão do Nome-do-Pai. O recurso simbólico no sujeito psicótico é falho, precário, e incapaz de exercer a função de recalque do inconsciente. A partir dessa problemática, o presente artigo busca compreender o fenômeno do empuxo-à-mulher, utilizando o caso Schreber como fonte de análise, para pensarmos nas possibilidades de atuação clínica e estabilização dos sujeitos psicóticos. A metáfora delirante construída pelo Presidente Schreber representa um mecanismo de defesa perante a realidade, mas tal mecanismo pode ser considerada frágil para a estabilização na psicose. A psicanálise compreende que são necessários recursos com a finalidade de separar o psicótico do Outro. Nesse sentido, propõe-se analisar a possibilidade de estabilização da psicose pela via da metáfora delirante, bem como, outras formas de suplência na condução e manejo desses casos na atuação clínica.

## 2 EMPUXO-À-MULHER NA CLÍNICA DA PSICOSE

A expressão “empuxo-à-mulher” foi introduzida por Lacan (1972) durante a análise que realizou da psicose de Schreber. Esse conceito se refere à certeza delirante do psicótico de se tornar mulher. De acordo com Gama e Bastos (2010): “Essa experiência do empuxo não deve ser entendida como inscrição subjetiva no lado mulher da partilha sexual, mas como a certeza delirante de transformar-se em mulher” (GAMA; BASTOS, 2010, p. 142). Diferentemente do neurótico que possui o recurso da dúvida em suas fantasias, na psicose há a convicção – o delírio é uma tentativa de significação do sujeito psicótico.

Isso se manifesta em diversos momentos no relato de Schreber, inicialmente como uma ideia estranha: “deve ser realmente muito bom ser mulher e submeter-se ao ato da cópula” (FREUD, 1911/1976, p. 12). Esse aspecto posteriormente, adquire uma liberdade que era, segundo Freud: a essência do delírio de Schreber – ele passa a acreditar que redimiria o mundo, se se transformasse em uma mulher.

Nos diz Freud sobre Schreber:

Estes fenômenos alarmantes cessaram há muito tempo e, como alternativa, sua “feminilidade” tornou-se proeminente. [...] Ele tem a sensação de que um número enorme de “nervos femininos” já passou para o seu corpo e, a partir deles, uma nova raça de homens originar-se-á, através de um processo de fecundação direta por Deus. (FREUD, 1911/1976, p. 12).

Nota-se que como na psicose de Schreber, o sujeito se encontra à deriva e alheio à distinção simbólica da partilha dos sexos. O fenômeno de empuxo-à-mulher está, como destacado por Soler (2007): “situado no nível da sexuação do sujeito e implica uma modalidade de gozo, mas deixa em suspenso a escolha de objeto” (SOLER, 2007, p. 228). Para compreendermos melhor esse efeito de empuxo-à-mulher, devemos antes retomar ao complexo de Édipo sobre as escolhas objetais a existência de um objeto de desejo e do objeto de identificação. Deve-se notar que na neurose o objeto de identificação criaria uma oposição, uma restrição ao acesso ilimitado ao objeto de desejo, processo que por sua vez não ocorrerá na psicose. Essa distinção torna-se necessária para compreendermos que na neurose haveria uma função paterna que encarnaria o operador do complexo de castração, “permitindo que um passo em direção à realidade seja dado” (CASTRO, 2000, p. 23). Porquanto, partiremos do complexo de Édipo afim de compreendermos o que Lacan demonstrou pelas fórmulas de sexuação como “efeito sardônico do amor psicótico” (SOLER, 2007, p. 228) – que consiste no empuxo-à-mulher.

## 2.1 Complexo de Édipo

Achamos na elaboração freudiana do complexo de Édipo a relação que a criança estabelece com os objetos. Lacan contribui para a teoria do complexo edipiano, dividindo esse processo em três tempos. Temos, portanto, a mãe como primeiro objeto de desejo e em seguida o pai como objeto de identificação, o fenômeno dessa identificação se dá à medida que a criança tenta alcançar a mãe como seu objeto de desejo. De acordo com a psicanálise lacaniana, no primeiro tempo do Édipo, a criança encontra-se na posição de falo imaginário da mãe. A mãe é o significante primordial que marca o corpo do filho, e esse é o primeiro processo de identificação que acontece em um sujeito.

A entrada do pai na trama familiar marca o segundo tempo do Édipo, desvinculando a simbiose entre mãe e filho. A criança é destituída do lugar de objeto do desejo materno, e passa a se vincular com o objeto de identificação, o pai. Segundo ressalta Castro (2000): “o

momento do Édipo não é o momento do desejo, mas aquele de sua interdição” (CASTRO, 2000, p. 58). A operação paterna substitui o esquema linear entre mãe e filho para um complexo triangular entre pai, mãe e filho (falo). A entrada do pai representa um deslocamento na posição fálica.

O objeto de identificação (pai) cria uma oposição ao objeto de desejo (mãe): “O objeto do desejo é escamoteado pelo objeto da identificação, O pai aparece e a mãe desaparece” (CASTRO, 2000 p. 22). No segundo tempo do Édipo, a figura paterna existe no eixo imaginário. Ela se apresenta enquanto um pai idealizado. Para que o processo do Édipo se conclua deve ocorrer a passagem desse pai imaginário, idealizado, para um pai simbólico.

O terceiro tempo do Édipo, apontado por Filberg e Maggi (2002): é “o tempo em que a criança tem acesso a um pai permissivo e doador” (FOLBERG ; MAGGI, 2002, p. 97). Isso seria o deslocamento de uma figura paterna idealizada, e proibidora do incesto, para uma função paterna, que inaugura a entrada do sujeito no campo simbólico, permitindo o vínculo da libido em outros objetos de desejo não incestuosos.

O falo como objeto imaginário do Desejo da Mãe passa para o nível do significante do desejo do Outro. Inscreve-se aí a castração no Outro, constituindo-se o inconsciente como barrado ao sujeito (QUINET, 2001, p. 13). Desse modo, poder-se-ia dizer que o significante paterno exerce a conclusão do conflito edipiano à medida que, como destacado por Lacan: “permanece inscrito no psiquismo, exemplificados em duas instâncias, onde a que recalca se chama o supereu e a que sublima, o ideal do eu” (LACAN, 1938, p. 41). Assim, o complexo de Édipo exerce claramente uma oposição ao narcisismo, dando um enquadramento ao sujeito pela via da normatização do gozo através da sublimação na realidade. O significante paterno aparece, portanto, como o agente da interdição.

## 2.2. Nome-do-Pai

Uma das funções essenciais do Édipo é exercer o que se chama de metaforização significante do desejo da mãe (DM), por meio do significante paterno, isto é, o Nome-do-Pai (NP). A função paterna é exercida pelo significante responsável por operar essa função. O termo Nome-do-Pai diz respeito a esse significante, algo que fala em nome desse pai simbólico. Essa passagem pode ser representada pelo mito freudiano no livro *Totem e Tabu* (1913), a respeito da morte do pai primevo. O pai simbólico é o pai morto que possibilita que essa função possa ser exercida: “Eles parecem ter sacrificado a paternidade a um tipo de especulação” (FREUD, 1912/1976, p. 183). Lacan nos diz a respeito da análise apresentada

por Freud em *Totem e tabu* (1913) na qual é possível perceber “*que antes que o termo pai se tenha instituído como registro, historicamente não havia pai*”. (LACAN, 1985, p. 344). Sendo assim, explica Lacan que se trataria do essencialmente do Nome-do-Pai, o “Nome”, como metáfora que ocupa o lugar do pai real ausente. De acordo com Quinet (2006):

Aqui o pai, enquanto marido da mãe, aparecerá como o suporte identificatório do ideal do eu, cuja matriz simbólica é o significante do Nome-do-Pai. Este é o que permite ao homem a significação da virilidade e à mulher a possibilidade de se situar como objeto de desejo do homem. O Nome-do-Pai é também o significante da paternidade que permite ao homem o qualificativo de pai, pois nada garante a paternidade de alguém (*mater certus pater incertus*, dizia Freud) – a paternidade só é articulada a partir do registro simbólico. (QUINET, 2006, p. 13).

Faz-se necessário, portanto, entendermos o Nome-do-Pai como um significante por meio do qual o pai ausente se manifesta e se faz presente. Assim, a relação que esse pai estabelece é a de um significante puro. Lacan ressalta que: “vem de um reconhecimento, não do pai real, mas daquilo que a religião nos ensinou a invocar como o Nome-do-Pai” (LACAN, 1938, p. 562). Vemos então, o Nome-do-Pai surgir como interdição que barra o desejo edipiano. Segundo Quinet:

A função significante do Nome-do-Pai inscreve-se no Outro, que até então era para a criança ocupada inteiramente pela mãe. Se, no primeiro tempo lógico do Édipo o Outro é a mãe, o Nome-do-Pai é o que vem barrar o Outro onipotente e absoluto, inaugurando a entrada da criança na ordem simbólica. A criança não é mais submetida a um Outro onipotente que apresenta uma lei que não legaliza, uma lei de caprichos. *É devido à intervenção do Nome-do-Pai no Outro que a lei é instalada para o sujeito no lugar do Outro*. O Outro se constitui para o sujeito como lugar da Lei, o Outro do pacto da fala. (Destaque nosso). (QUINET, 2006, p. 12).

Por conseguinte, a interdição ao Édipo estaria sob o julgo do pai que para a criança representaria o semblante de pai imagiário, portanto não castrado e que se faz “exceção” por ser o único a transgredir a regra e dispor da mulher. A partir então, dá-se o direcionamento do gozo inserindo o sujeito no simbólico, por meio da constatação de que o Outro não apenas é sede do significante, mas também, sede de uma lei primordial. Essa função opera a normatização do gozo desregrado regido pelo princípio de prazer, limitando-o a um princípio de realidade socialmente constituído.

### 2.3 Existe ao menos um $\bar{\exists}x. \bar{\Phi}x$ como exceção

As fórmulas quânticas de sexuação elaboradas por Lacan entre 1971 e 1973 ajudam a entender melhor esse fenômeno. Vejamos o esquema no quadro a seguir:

Lê-se do lado masculino do quantificador:

$$\forall x \Phi x$$

(Todo sujeito está submetido à interdição).

A recíproca também é verdadeira em:

$$\bar{\exists}x \bar{\Phi}x$$

(Não existe um sujeito que não esteja submetido a interdição).

Entretanto, surge a exceção à regra, que consiste no fato:

$$\exists x \bar{\Phi}x$$

(Existe ao menos um que não está submetido ao interdito).

Não obstante, a exceção à regra é representada pelo pai da horda primeva, no imaginário da criança o único que não estaria submetido à castração simbólica. De acordo com Freud (1913-1914/1976): “Na horda primeva de Darwin, tudo o que aí encontramos é um pai violento e ciumento que guarda todas as fêmeas para si próprio e expulsa os filhos à medida que crescem” (FREUD, 1914/1976, p. 102). Por conseguinte, a exceção força para a fixação de um limite, é essa exceção que garante a regra para todos os outros. O pai passa então a encarnar o lugar de ideal do eu (simbólico) possibilitando a escolhas objetais secundárias e, portanto, dá uma direção ao gozo.

## 2.4 Mulher Não-Toda $\overline{\forall x. \Phi x}$

A feminilidade está na fórmula de sexuação representada por:

$$\overline{\exists x \Phi x}$$

(Não existe uma que não esteja submetida a castração).

Do lado universal, vê-se representar:

$$\overline{\forall x \Phi x}$$

(A mulher está Não-Todo inserida na lei imposta pela interdição fálica, apenas parcialmente inserida).

Com o conceito de Não-Todo do lado feminino da partilha podemos destacar como sendo marcado por “um menos”, referente à inexistência do falo como evidência da castração. Essa noção remonta a descoberta da diferença sexual abordada por Freud ainda em seu texto *três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905/1976)*, partindo da percepção da criança acerca da diferença anatômica sexual. Nota-se que o menino, possuidor do pênis constrói uma fantasia de ameaça de castração e perda do pênis quando constata a ausência do órgão na menina. Contudo, para a menina a indentificação da ausência do pênis representa, desde cedo, a evidência da consumação da castração real. É como nos diz Miller (2016): “Esse é o princípio da ameaça que esse ser feminino está susceptível de encarnar para aquele que é o proprietário do órgão que funda sua unidade e sua totalidade” (MILLER, 2016, p. 6). Entretanto, deve-se ressaltar que o conceito de não-todo não designa uma incompletude, mas sim, algo infinito, excedente que é suplementar.

Na passagem do órgão para o significante do falo, isto é, da anatomia para o simbólico, percebemos que a falta constitutiva e evidente na mulher pode tomar a forma também de

um excesso. Como observou Miller (2016): “Este excesso é justamente o que afeta essa positividade recuperada por um acento de ilegitimidade que trai o segredo da falta que está aí velada, compensada; falta que encontra sempre uma compensação a mais”. (MILLER, 2016, p. 08). A isso Lacan denominou de gozo suplementar, “a mulher que está atrelada ao ilimitado, alienada do equilíbrio e da prudência e que necessita do homem como uma bússola norteadora, adquirindo a identidade somente a partir deste”. (MILLER, 2016, p. 08). Daí o aforismo lacaniano de que A mulher não existe, ou seja, não existe um significante que possa fazer corresponder ao que é ser mulher. Nela algo sempre escapa à normatização fálica e isso diz de um gozo irredutível ao simbólico.

### 3 A FÓRMULA DE SEXUAÇÃO

A essa altura deve-se perguntar: em que consiste, portanto a diferenciação entre o efeito de empuxo-à-mulher da feminilização propriamente dita? Recorrendo mais uma vez a fórmula de sexuação percebemos:

LADO MASCULINO	LADO FEMININO
$\overline{\exists x \Phi x} \quad \forall x \Phi x$ EXCEÇÃO $\exists x \overline{\Phi x}$	$\overline{\exists x \Phi x} \quad \forall x \Phi x$ NÃO-TODO $\overline{\forall x \Phi x}$

A exceção representada aqui pelo pai da horda primeva, conforme já assinalado anteriormente, o único que pode ter acesso a mulher. O feminino está inserido na interdição, mas não completamente inserido Não-todo inscrita na lógica fálica – manifestando-se “hora na forma de falta, hora na forma de excesso”. (MILLER, 2016, p. 08). Nota-se também, a ausência da exceção típica do lado masculino, ou seja, aquele que transgride a interdição e que cria a lei através do significante. Percebe-se a distinção entre o feminino, em que uma parcela do gozo é regulada pelo falo (mas não-todo regulada), da psicose que é marcada pela total ausência de uma regulação fálica.

#### 3.1. Foraclusão [Verwerfung]

A foraclusão do Nome-do-Pai aparece na psicose, não como ausência do pai real, mas como a ausência do significante (pai simbólico). O que resta no lugar é um furo, a não interdição e a carência metafórica. Lacan destaca acerca de Schreber que:



É em torno desse buraco em que falta ao sujeito o suporte da cadeia significante, e que não precisa, como se constata, ser inefável para ser pânico, que se trava toda a luta em que o sujeito se reconstrói. [...] Pois, já desde antes abri-se para ele, no campo do imaginário, a hiância que correspondia à falta da metáfora simbólica. (LACAN, 1981, p. 570).

A forclusão [*Verwerfung*] trata-se da indisponibilidade do significante que colocaria em curso a metaforização do Desejo da Mãe (DM), o sujeito é então invadido pela luz do espanto. Encontra-se, desse modo, alheio ao simbólico, que disruptivamente cede lugar ao delírio – um mecanismo de compensação imaginária do Édipo ausente.

### 3.2. O Efeito Sadônico Do Amor Psicótico

Lacan definiu o fenômeno de empuxo-à-mulher como “*sadônico*” (CASTRO, 2000, p. 20), por meio do qual operaria a suspensão do objeto aliado ao gozo desenfreado, dando ensejo ao amor na psicose, tratando-se de um “forçamento ressentido no campo de um Outro”. Diferentemente do lado feminino da partilha, que é **não-todo**, o psicótico definitivamente não está inserido no significante, pois há o fenômeno da forclusão, que põe limites ao gozo, criando um “gozo aberto tendendo ao infinito” (CASTRO, 2000, p. 28).

Lacan chama a atenção para a cisão que ocorre na subjetividade materna. Castro (2000) ressalta que: “essa divisão da subjetividade materna é produzida pelo pai a partir do momento que ele passa a funcionar no lugar desse “ao menos um”, **a exceção** que pode enfrentar o gozo de uma mulher” (CASTRO, 2000, p. 26). Por conseguinte, a exceção força para a fixação de um limite e é essa exceção que garante a regra para todos os outros. Existe aí outra posição do Nome-do-Pai que não está relacionada ao Édipo, mas sim, a um modo de gozo.

No que se refere a psicose, o significante que diz em nome do pai está foracluído, entretanto, percebe-se “o desencadeamento da psicose como efeito da irrupção de Um-pai” (CASTRO, 2000, p. 57). Ou seja, um significante que invade o sujeito e o desestabiliza. A interdição paterna não atua, conservando a relação linear imaginária, a identificação narcísica, (a – a’). “A forclusão do Nome-do-Pai seria, ao contrário, a falha na exceção paterna” (CASTRO, 2000, p.62). Nesse caso, a falta não é instituída, por isso Lacan (1967) diz que o psicótico “*carrega o objeto a no bolso*”. De acordo com Castro (2000):

No desencadeamento da psicose, ‘a erupção de Um-pai coloca em evidência o que talvez não tenha aparecido até então, ou seja, que a exceção paterna é evocada a despeito de sua inexistência. [...] Em outras palavras, a erupção de Um-pai seria o

encontro com a exceção paterna quando essa não pôde ser inscrita simbolicamente, abrindo-se aí as portas para o gozo desregrado e sem limites do empuxo-à-mulher. (CASTRO, 2000, p. 28).

Diferentemente da mulher, cujo gozo transita entre o fálico e o suplementar, o psicótico “só se relacionara com esse gozo não fálico” (CASTRO, 2000, p.63). O surto ou a desestabilização desse sujeito pela irrupção de Um-pai ocorre exatamente pela incapacidade de simbolizar esse significante que aparece e afeta seu corpo e psiquismo. O sujeito psicótico está, portanto, fora do discurso, à medida que não está inscrito pela interdição do significante, ele próprio passando a encarna a exceção. Percebe-se que o significante está forcluído e no seu lugar encontra-se um furo. O empuxo-à-mulher se manifesta como um querer ser mulher e, desse modo ser objeto do gozo do Outro, envolto de um aspecto delirante que caracteriza seu efeito de estranheza.

Lacan em seu texto *Os complexos familiares (1938)*, relaciona a entrada na psicose com: “a ereção do objeto que se produz a luz do espanto” (LACAN, 1938, p. 65). Os objetos são, dessa forma, tomados por uma estranheza enigmática de significações. Castro citando Lacan nos diz de uma homologia entre a entrada do Édipo e a entrada na psicose: O momento que foi isolado como ponto culminante do complexo de Édipo, se reproduz na entrada da psicose, à medida que o sujeito encontrará um objeto que se revestirá das mesmas características que o objeto paterno no quadro do complexo de Édipo. (CASTRO, 2010, p. 23). Dessa forma, “a identificação edipiana não prevalecerá sobre a identificação narcísica” e consequentemente ocorre “uma reversão da sublimação” (CASTRO, 2000, p. 23). Conforme explica a autora: “o sujeito se verá preso na relação eu (moi) com seu duplo. “Essa relação será de oposição, onde o duplo passará a zombar do sujeito, aviltando-o e colocando-o no lugar de um objeto desprezado e rejeitado” (CASTRO, 2000, p. 23). Dessa forma, nas psicoses há a saída pela via da significação através do delírio que buscaria a reconstrução da realidade do mundo que foge ao simbólico do sujeito. Freud (1990) diz que:

Com referência à gênese dos delírios, inúmeras análises nos ensinaram que o delírio se encontra aplicado como um remendo no lugar em que originalmente uma fenda apareceu na relação do ego com o mundo externo. [...]. No quadro clínico da psicose, as manifestações do processo patogênico são amiúde recobertas por manifestações de uma tentativa de cura ou uma reconstrução. (FREUD, 1990, p. 169).

A carência simbólica, devido à forclusão do significante do Nome-do-Pai, manifesta-se e se inscreve como real no sujeito. “É notável que esses objetos manifestam os caracteres constitutivos primordiais do conhecimento humano: identidade formal, equivalência afetiva,

reprodução interativa e simbolismos antromorfícos” (LACAN, 2008, p. 65). O delírio passa a comportar o significado que o sujeito psicótico encontra para dar conta desse real escancarado, onde se vê arrastado a definir sua posição na partilha dos sexos. O empuxo-à-mulher é, portanto, uma dessas tentativas de defesa, estabilização e de construção de sentido a suas vivências.

### 3.3. Manejo e possibilidades de intervenção clínica

Percebem-se os desafios que a psicanálise encontra para o tratamento dos sujeitos psicóticos. Diferentemente dos casos de neurose, o método clínico na psicose não se faz da interpretação dos fenômenos do inconsciente, uma vez que ele já está lá posto, escancarado a céu aberto. Dessa maneira, devemos encontrar efetivas vias de tratamento para a psicose que visem à estabilização do sujeito delirante, pois: “O horizonte de tratamento possível torna-se então, o estabelecimento de uma significação nova após a invasão de um gozo indomável”. (LAURENT, 2003, p. 17). Já que não existe um significante mestre, ou seja, um pressuposto que articula e ordena toda uma cadeia significante, é necessário que este sujeito consiga eleger algum significante que possa fazer barra a sua pulsão, “o estabelecimento de um uso particular de língua para circunscrever o gozo” (LAURENT, 2003, p. 17). O papel do analista frente aos impasses na psicose deve ser o de localizar a posição do sujeito no delírio. O analista, nessa perspectiva, desempenha a função de “secretário do alienado”, contribuindo para a criação de um texto, por meio do qual se possa dar borda ao delírio – situando-o na própria história de vida dos sujeitos psicóticos.

A tarefa do analista consiste em deixar que o sujeito fale para que apareçam os transtornos de linguagem, os neologismos, e que ele possa evocar o período que o antecedeu para reconstruir o laço social. Essa proposta inicial de Lacan proporcionava ao analista a assunção da função do analista-secretário do alienado, isto é, secretariar o sujeito nas suas elaborações, possibilitando estabelecer a metáfora delirante a partir da interpelação dos fenômenos que lhe concernem, visando colocar o gozo dentro do limite suportável. (SANTANA, 2010, p. 03).

Se o que desestabiliza o sujeito é a irrupção de Um-pai que não pode ser significado, o ato do analista caminha na direção de “escolher, no trabalho do delírio, o que conduz, o que vai em direção a uma nomeação possível”. (LAURENT, 2003, p. 20). A psicanálise teria muito a contribuir para a promoção da saúde mental dos sujeitos psicóticos ao ofertar possibilidades de significantes que possam exercer a função de suplência do Nome-do-Pai, caminhando para a estabilização do sujeito. Pensando em contextos em que existe uma

precariedade simbólica, “é problemático [...] que um dos modos fundamentais de nomeação seja a passagem ao ato” (LAURENT, 2003, p. 21). A literatura psicanalítica está repleta de exemplos clínicos que vão nessa direção e que nos permite vislumbrar outras saídas invetivas para a estabilização da psicose e contenção do gozo desregrado do Outro.

Nota-se que, especificamente, no caso Schreber a estabilização se dá com a saída elegante para a psicose, por meio da metáfora delirante: mulher de Deus. Entretanto, coexistem intervenções que visam a regulação do gozo pelo laço social do sujeito com o Outro, com sua família, instituições e a sociedade como um todo.

A estabilização na psicose pela metáfora delirante tem sido uma hipótese aceita por grande parte dos psicanalistas, mas que apresenta certas limitações e impossibilidades quando confrontada com a prática clínica. Conforme explica Beneti (2005), “não há uma sustentação pela metáfora delirante (embora algumas possam fazer laço social). A barra que divide o sujeito é ‘pontilhada’, indicando-se com isso que a estabilização é frágil” (BENETI, 2005, p. 10). Como já discutido neste trabalho, a posição do analista frente ao sujeito psicótico é a de secretário do alienado. Essa posição deve se divergir da lógica presente no discurso do analista, cujo lugar da produção é ocupado pelo significante mestre (S1).

No contexto da psicose, a produção do S1 do discurso do analista acarretaria a incidência de *Um-pai* sobre o sujeito psicótico, a figura paterna foracluída seria personificada pelo analista, o que contribuiria para o surto e a desestabilização. Assim, o analista deve cuidar para não ser o Outro que desestabiliza o sujeito psicótico, precipitando-o ao surto e delírio mortífero. A psicanálise, pode sim, desencadear uma psicose, se não operar pela via da manobra transferencial no esvaziamento do grande Outro.

A partir da primeira formalização clínica lacaniana, há duas posições para o sujeito psicótico no discurso: ou ele está em *a*, como objeto de gozo, ou em S2, como Saber. Tais posições demandam do analista que ele realize manobras para o desenvolvimento do trabalho. Ele pode posicionar-se como um *secretário* que não coloca significantes Um (S1) para nortear o trabalho do sujeito, possibilitando assim que esse lugar fique vazio, ou pode posicionar-se como *testemunha*. (BENETI, 2005, p. 11).

A atuação analítica encontra desafios no manejo perante essas duas posições, a saber: não se colocar enquanto um sujeito invasivo, instituidor de *Um-pai*, tendo em vista que a princípio, “a transferência na psicose [...] é erotônoma ou persecutória” (BENETI, 2005, p. 11) e segundo, deixar o espaço para o saber do sujeito psicótico se manifeste, pois é consensual que na psicose não existe o semblante do Sujeito Suposto Saber na pessoa do analista. Não obstante, a saída delirante tem uma função de defesa desse sujeito perante um

Outro invasor. O analista percebendo esse fenômeno, deve pensar em possibilidades de articulação do imaginário do psicótico, já que a forclusão do Nome-do-Pai impossibilita o recurso simbólico presente na neurose, como forma de regulação.

O dilema presente na metáfora delirante como tratamento e possibilidade de estabilização é que “a metáfora delirante não é algo que faz com que o sujeito consiga uma separação do Outro, é algo que o mantém ligado ao Outro” (BENETI, 2005, p. 14). É o que se percebe no fenômeno do empuxo-à-mulher. O delírio de feminização posiciona o sujeito psicótico enquanto objeto de gozo desse Outro. O Presidente Schreber encontrou uma maneira de aliviar sua angústia pelo delírio, elevando-se ao patamar da mulher de Deus. Mas a prática clínica demonstra que essas saídas são temporárias, frágeis e incapazes de separar o sujeito psicótico do Outro. Uma mediação mais efetiva da psicanálise seria apostar em intervenções nas quais o sujeito consiga “produzir algo que o distingue e o separa, em certa medida, do Outro gozador” (BENETI, 2005, p. 14), como em Joyce, cuja produção artística é um objeto distinto e separado dele próprio.

A posição de secretário do alienado permite que o lugar da produção na psicose, antes ocupado pelo significante mestre, fique vazio, para que o próprio sujeito seja capaz de eleger seu S1. Entretanto, somente o recurso da metáfora delirante é incapaz de exercer essa função reguladora de uma pulsão insaciável, sem limites. As instituições de saúde e também jurídicas ainda são um recurso necessário para auxiliar na estabilização, mas elas também deveriam possibilitar um espaço para que o sujeito seja capaz de encontrar a sua própria saída, e não atuar na tentativa de forçar uma imposição de um significante mestre.

Outro recurso possível no manejo clínico é o uso da metonímia. O psicanalista francês Jean-Pierre Deffieux demonstra essa forma de atuação em seu caso clínico Murielle: uma adolescente com um histórico de internação em instituições psiquiátricas, cujo sintoma a princípio era a anorexia. O autor percebe que “desde a infância ela é vista pelo Outro e, em particular, pelo olhar” (DEFFIEUX, 1999/2010, p. 91). Murielle, em uma tentativa de se separar desse Outro invasivo, elege um objeto, o corpete, como uma forma de circunscrever seu gozo, constituindo assim um corpo e possibilitando que seu gozo seja contido, uma forma de fazer borda a sua pulsão. “O casal formado pelos pais não é levado em conta, ela está às voltas da com a relação dual, especular, com o pai. Com isso, o gozo não é separado do Outro nem do corpo, ele oscila de um para outro” (DEFFIEUX, 1999/2010, p. 91). Ao desenrolar do caso clínico, percebe-se que Murielle desestabiliza ou surta com a retirada do corpete. “O gozo não mais circunscrito pelo corpete, encontrou uma nova localização, no Outro, mais precisamente no olhar do Outro” (DEFFIEUX, 1999/2010, p. 92).

O sujeito psicótico deve ser capaz de encontrar seu próprio caminho para a regulação de seu gozo e sua estabilização e deve ser acessorado nisso. Os recursos dos rituais e objetos mostraram-se uma aposta possível neste caso clínico. “O guia teórico nesse caso foi bastante simples: nós localizamos, seguimos e acompanhamos o fio metonímico do sujeito, dando-lhe todo o seu valor terapêutico, que era de margear esse gozo invasivo” (DEFFIEUX, 1999, p. 94). A posição do analista frente a psicose, assim como dentro das instituições, deve contribuir para que o sujeito seja capaz de construir sua própria saída, eleger algo que ocupe o lugar do S1 em sua maneira particular contribuindo para a possibilidade de constituição de um laço social. “No caso de Murielle, o que permitiu que ela reinvestisse um laço social após esse corajoso combate com o gozo que ocupava todos os espaços, foi a sua inscrição numa revista semanal” (DEFFIEUX, 1999/2010, p. 95). Esse percurso teórico metodológico buscou problematizar o lugar do analista frente a questão da psicose, identificando a pluralidade de formas de estabilização, tanto quais sejam as riquezas de singularidades dos sujeitos que chegam buscando auxílio em nossos consultórios e/ou instituições.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se concluir que o efeito do empuxo-à-mulher consiste em uma tentativa de suprir a carência significativa da distinção simbólica entre os sexos, na qual o sujeito se acha na impossibilidade de se situar como homem ou mulher e vê-se arrastado para o lado feminino. Embora o empuxo-à-mulher em si não seja estabilizante, o delírio assume na psicose uma tentativa de reconstruir e significar a realidade, sua manifestação se apresenta como uma tentativa de cura. A psicanálise com atuação na clínica da psicose tem contribuído demasiado para o tratamento dos sujeitos psicóticos, por meio da escuta e do acessoramento o qual aponta para uma saída possível para o tratamento das psicoses. Esse recurso cria condições para que o sujeito construa um desfecho mais condizente com suas próprias necessidades gerando uma separação do grande Outro e consequentemente a estabilização dos descarrilamentos do gozo desenfreado.

#### REFERÊNCIAS

ALVARENGA, Elisa. Estrutura e Figuras do Empuxo-à-Mulher. *Novas Psicoses – Clínica e Investigação*. **Abre Campos**, v. 2, n. 2, Julho/2002.

BENETI, Antônio. Do discurso do analista ao nóborromeano: contra a metáfora delirante. **Opção Lacaniana Online**. Belo Horizonte, maio de 2005.

CASTRO, Helenice, Saldanha de. Correio: revista da Escola Brasileira de Psicanálise. **O desencadeamento da psicose e o empuxo-à-mulher**, Belo Horizonte, 29, Agosto 2000.

DEFFIEUX, Jean-Pierre. Uso da metonímia em um caso de psicose. *Curinga*, v. 1, n. 0 (out. 1993) – Belo Horizonte: Escola Brasileira de Psicanálise – Seção Minas, n.31, dezembro de 2010.

FOLBERG, Maria Nestrovsky; MAGGI, Noeli Reck. Declínio da função paterna e dialética da simbolização. **Estilos da Clínica**, Vol. VII, nº 13, 92-99, 2002.

FREUD, Sigmund. Neurose e psicose (1924-[1923]). In: FREUD, S. O Ego e o Id e outros trabalhos. Edição: **Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, v. 19, 1990.

FREUD, Sigmund. O caso Schreber, artigos sobre a técnica e outros trabalhos (1911-1913). Edição: **Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. ed. Rio de Janeiro: Imago, v. 12, 1990.

FREUD, Sigmund. Totem e tabu e outros trabalhos (1913-1914). Edição: **Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. ed. Rio de Janeiro: Imago, v. 13, 1990.

GAMA, Vanessa Campbell; BASTOS, Angélica. A feminilização na psicose: empuxo-à-mulher e erotomania. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 22, p. 141-156, 2010.

LACAN, Jacques. **O Seminário livro 3: as psicoses**. (1955-1956). ed. 2ª Rio de Janeiro: Jorge Zahar, v. 3, 1985.

LACAN, Jacques. **Escritos**. 1901-1981. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, Jacques. Os complexos familiares em patologia. In: LACAN, J. **Os complexos familiares na formação do indivíduo**. (1938). ed. 2ª Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

LAURENT, Éric. Os Tratamentos Psicanalíticos na Psicose – Instituto de Psicanálise e Saúde Mental de Minas Gerais. **Papéis de Psicanálise**. Ano.2 n.2, Maio 2006.

MALEVAL, Jean-Claude. **La forclusión del nombre del padre: el concepto y su clínica**. Bueno Aires: Paidós, 2002.

MILLER, Jacques-Allain. Uma partilha sexual. **Opção lacaniana online nova série**, Rio de Janeiro, ano. 7 nº. 20. ISSN: 2177-2673, julho 2016.

QUINET, Antônio. **Teoria e clínica da psicose**. n 3. ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2006.

SANTANA, Vera Lúcia Veiga. As psicoses e sua relação com a loucura na mulher. **Opção Lacaniana Online Nova Série**, ano 1, n 2, julho 2010. ISSN 2177-2673.

SOLER, Colette. **O inconsciente a céu aberto da psicose (1937)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.